

1. (Enem)

OLÁ! NEGRO

Os netos de teus mulatos e de teus cafuzos
e a quarta e a quinta gerações de teu sangue sofredor
tentarão apagar a tua cor!
E as gerações dessas gerações quando apagarem
a tua tatuagem execrada,
não apagarão de suas almas, a tua alma, negro!
Pai-João, Mãe-negra, Fulô, Zumbi,
negro-fujão, negro cativo, negro rebelde
negro cabinda, negro congo, negro ioruba,
negro que foste para o algodão de USA
para os canaviais do Brasil,
para o tronco, para o colar de ferro, para a canga
de todos os senhores do mundo;
eu melhor compreendo agora os teus *blues*
nesta hora triste da raça branca, negro!
Olá, Negro! Olá Negro!
A raça que te enforca, enforca-se de tédio, negro!

LIMA, J. *Obras completas*. Rio de Janeiro:
Aguilar, 1958. Fragmento.

O conflito de gerações e de grupos étnicos reproduz, na visão do eu lírico, um contexto social assinalado por

- A) modernização dos modos de produção e consequente enriquecimento dos brancos.
- B) preservação da memória ancestral e resistência negra à apatia cultural dos brancos.
- C) superação dos costumes antigos por meio da incorporação de valores dos colonizados.
- D) nivelamento social de descendentes de escravos e de senhores pela condição de pobreza.
- E) antagonismo entre grupos de trabalhadores e lacunas de hereditariedade.

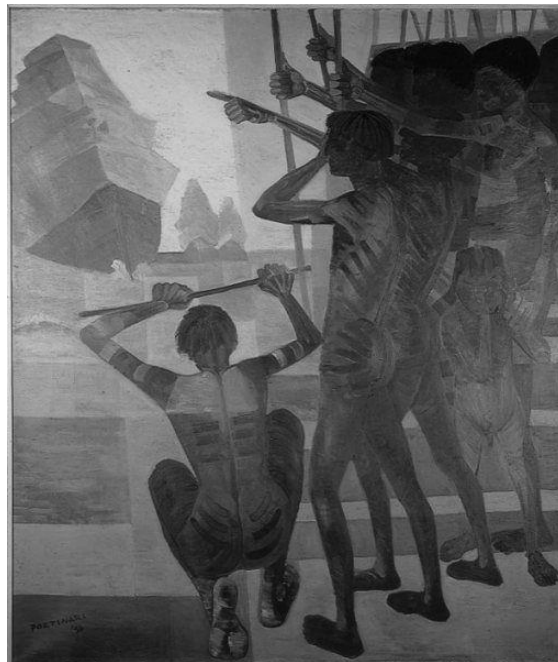
2.

Texto I

Andaram na praia, quando saímos, oito ou dez deles; e daí a pouco começaram a vir mais. E parece-me que viriam, este dia, à praia, quatrocentos ou quatrocentos e cinquenta. Alguns deles traziam arcos e flechas, que todos trocaram por carapuças ou por qualquer coisa que lhes davam. [...] Andavam todos tão bem-dispostos, tão bem feitos e galantes com suas tinturas que muito agradavam.

CASTRO, S. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Porto Alegre: L&PM, 1996. Fragmento.

Texto II



PORTINARI, C. *O descobrimento do Brasil*, 1956.
Óleo sobre tela, 199 × 169 cm

Disponível em: <www.portinari.org.br>.
Acesso em: 12 jun. 2013.

Pertencentes ao patrimônio cultural brasileiro, a carta de Pero Vaz de Caminha e a obra de Portinari retratam a chegada dos portugueses ao Brasil. Da leitura dos textos, constata-se que

- A) a carta de Pero Vaz de Caminha representa uma das primeiras manifestações artísticas dos portugueses em terras brasileiras e preocupa-se apenas com a estética literária.
- B) a tela do Portinari retrata indígenas nus com corpos pintados, cuja grande significação é a afirmação da arte acadêmica brasileira e a contestação de uma linguagem moderna.
- C) a carta, como testemunho histórico-político, mostra o olhar do colonizador sobre a gente da terra, e a pintura destaca, em primeiro plano, a inquietação dos nativos.
- D) as duas produções, embora usem linguagens diferentes – verbal e não verbal –, cumprem a mesma função social e artística.
- E) a pintura e a carta de Caminha são manifestações de grupos étnicos diferentes, produzidas em um mesmo momento histórico, retratando a colonização.



3.

MAL SECRETO

Se a cólera que espuma, a dor que mora
N'alma, e destrói cada ilusão que nasce,
Tudo o que punge, tudo o que devora
O coração, no rosto se estampasse;

Se se pudesse, o espírito que chora,
Ver através da máscara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse!

Quanta gente que ri, talvez, consigo
Guarda um atroz, recôndito inimigo,
Como invisível chaga cancerosa!

Quanta gente que ri, talvez existe,
Cuja ventura única consiste
Em parecer aos outros venturosa!

CORREIA, R. In: PATRIOTA, M. *Para compreender Raimundo Correia*, Brasília: Alhambra, 1995.

Coerente com a proposta parnasiana de cuidado formal e racionalidade na condução temática, o soneto de Raimundo Correia reflete sobre a forma como as emoções do indivíduo são julgadas em sociedade. Na concepção do eu lírico, esse julgamento revela que

- A) a necessidade de ser socialmente aceito leva o indivíduo a agir de forma dissimulada.
- B) o sofrimento íntimo torna-se mais ameno quando compartilhado por um grupo social.
- C) a capacidade de perdoar e aceitar as diferenças neutraliza o sentimento de inveja.
- D) o instinto de solidariedade conduz o indivíduo a apiedar-se do próximo.
- E) a transfiguração da angústia em alegria é um artifício nocivo ao convívio social.

4.

CAPÍTULO LIV – A PÊNDULA

Saí dali a saborear o beijo. Não pude dormir; estirei-me na cama, é certo, mas foi o: mesmo que nada. Ouvi as horas todas da noite. Usualmente, quando eu perdia o sono, o bater da pêndula fazia-me muito mal; esse tique-taque soturno, vagaroso e seco parecia dizer a cada golpe que eu ia ter um instante menos de vida. Imaginava então um velho diabo, sentado entre dois sacos, o da vida e o da morte, e a contá-las assim:

- Outra de menos...
- Outra de menos...
- Outra de menos...
- Outra de menos...

O mais singular é que, se o relógio parava, eu dava-lhe corda, para que ele não deixasse de bater nunca, e eu pudesse contar todos os meus instantes perdidos. Invenções há, que se transformam ou acabam; as mesmas instituições morrem; o relógio é definitivo e perpétuo. O derradeiro homem, ao despedir-se do sol frio e gasto, há de ter um relógio na algibeira, para saber a hora exata em que morre.

Naquela noite não padeci essa triste sensação de enfado, mas outra, e deleitosa. As fantasias tumultuavam-me cá dentro, vinham umas sobre outras, à semelhança de devotas que se abalroam para ver o anjo-cantor das procissões. Não ouvia os instantes perdidos, mas os minutos ganhos.

ASSIS, M. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. Fragmento.

O capítulo apresenta o instante em que Brás Cubas revive a sensação do beijo trocado com Virgília, casada com Lobo Neves. Nesse contexto, a metáfora do relógio desconstrói certos paradigmas românticos, porque

- A) o narrador e Virgília não têm percepção do tempo em seus encontros adúlteros.
- B) como “defunto autor”, Brás Cubas reconhece a inutilidade de tentar acompanhar o fluxo do tempo.
- C) na contagem das horas, o narrador metaforiza o desejo de triunfar e acumular riquezas.
- D) o relógio representa a materialização do tempo e redireciona o comportamento idealista de Brás Cubas.
- E) o narrador compara a duração do sabor do beijo à perpetuidade do relógio.

5. (Enem)

VIDA OBSCURA

Ninguém sentiu o teu espasmo obscuro,
ó ser humilde entre os humildes seres,
embriagado, tonto de prazeres,
o mundo para ti foi negro e duro.

Atravessaste no silêncio escuro
a vida presa a trágicos deveres
e chegaste ao saber de altos saberes
tornando-te mais simples e mais puro.

Ninguém te viu o sentimento inquieto,
magoado, oculto e aterrador, secreto,
que o coração te apunhalou no mundo,

Mas eu que sempre te segui os passos
Sei que cruz infernal prendeu-te os braços
e o teu suspiro como foi profundo!

SOUSA, C. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1961.

Com uma obra densa e expressiva no Simbolismo brasileiro, Cruz e Sousa transpôs para seu lirismo uma sensibilidade em conflito com a realidade vivenciada. No soneto, essa percepção traduz-se em

- A) sofrimento tático diante dos limites impostos pela discriminação.
- B) tendência latente ao vício como resposta ao isolamento social.
- C) extenuação condicionada a uma rotina de tarefas degradantes.
- D) frustração amorosa canalizada para as atividades intelectuais.
- E) vocação religiosa manifesta na aproximação com a fé cristã.

6.

PSICOLOGIA DE UM VENCIDO

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
 Monstro de escuridão e rutilância,
 Sofro, desde a epigênese da infância,
 A influência má dos signos do zodíaco.

Profundíssimamente hipocondríaco,
 Este ambiente me causa repugnância...
 Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
 Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme – este operário das ruínas –
 Que o sangue podre das carnificinas
 Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
 E há de deixar-me apenas os cabelos,
 Na frialdade inorgânica da terra!

ANJOS, A. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

A poesia de Augusto dos Anjos revela aspectos de uma literatura de transição designada como pré-modernista. Com relação à poética e à abordagem temática presentes no soneto, identificam-se marcas dessa literatura de transição, como

- A) a forma do soneto, os versos metrificados, a presença de rimas e o vocabulário requintado, além do ceticismo, que antecipam conceitos estéticos vigentes no Modernismo.
- B) o empenho do eu lírico pelo resgate da poesia simbolista, manifesta em metáforas como “Monstro de escuridão e rutilância” e “influência à dos signos do zodíaco”.
- C) a seleção lexical emprestada ao cientificismo, como se lê em “carbono e amoníaco”, “epigênese da infância” e “frialdade inorgânica”, que restitui a visão naturalista do homem.
- D) a manutenção de elementos formais vinculados à estética do Parnasianismo e do Simbolismo, dimensionada pela invocação na expressividade poética, e o desconcerto existencial.
- E) a ênfase no processo de construção de uma poesia descritiva e ao mesmo tempo filosófica, que incorpora valores morais e científicos mais tarde renovador pelos modernistas.

7. Quando Deus redimiu da tirania
 Da mão do Faraó endurecido
 O Povo Hebreu amado, e esclarecido,
 Páscoa ficou da redenção o dia.

Páscoa de flores, dia de alegria
 Àquele Povo foi tão afligido
 O dia, em que por Deus foi redimido;
 Ergo sois vós, Senhor, Deus da Bahia.

Pois mandado pela alta Majestade
 Nos remiu de tão triste cativoiro,
 Nos livrou de tão vil calamidade.

Quem pode ser senão um verdadeiro
 Deus, que veio estirpar dessa cidade
 O Faraó do povo brasileiro.

DAMASCENO, D. (Org.). *Melhores poemas: Gregório de Matos*. São Paulo: Globo, 2006.

Com uma elaboração de linguagem e uma visão de mundo que apresentam princípios barrocos, o soneto de Gregório de Matos apresenta temática expressa por

- A) visão cética sobre as relações sociais.
- B) preocupação com a identidade brasileira.
- C) crítica velada à forma de governo vigente.
- D) reflexão sobre os dogmas do cristianismo.
- E) questionamento das práticas pagãs na Bahia.

8.

CAMELÔS

Abençoado seja o camelô dos brinquedos de tostão:
 O que vende balõeszinhos de cor
 O macaquinho que trepa no coqueiro
 O cachorrinho que bate com o rabo
 Os homenzinhos que jogam boxe
 A perereca verde que de repente dá um pulo que engraçado
 E as canetinhas-tinteiro que jamais escreverão coisa alguma.

Alegria das calçadas
 Uns falam pelos cotovelos:
 — “O cavalheiro chega em casa e diz: Meu filho, vai buscar um pedaço de banana para eu acender o charuto. Naturalmente o menino pensará: Papai está malu...”

Outros, coitados, têm a língua atada.

Todos porém sabem mexer nos cordéis como o tino ingênuo de demiurgos de inutilidades.
 E ensinam no tumulto das ruas os mitos heroicos da Meninice...
 E dão os homens que passam preocupados ou tristes
 Uma lição de infância.

BANDEIRA, M. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

Uma das diretrizes do Modernismo foi a percepção de elementos do cotidiano como matéria de inspiração poética. O poema de Manuel Bandeira exemplifica essa tendência e alcança expressividade, porque

- A) realiza um inventário dos elementos lúdicos tradicionais da criança brasileira.
- B) promove uma reflexão sobre a realidade de pobreza dos centros urbanos.
- C) traduz em linguagem lírica o mosaico de elementos de significação corriqueira.
- D) introduz a interlocução como mecanismo de construção de uma poética nova.
- E) constata a condição melancólica dos homens distantes da simplicidade infantil.

9. O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.

ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

No romance *Grande sertão: veredas*, o protagonista Riobaldo narra sua trajetória de jagunço. A leitura do trecho permite identificar que o desabafo de Riobaldo se aproxima de um(a)

- A) diário, por trazer lembranças pessoais.
B) fábula, por apresentar uma lição de moral.
C) notícia, por informar sobre um acontecimento.
D) aforismo, por expor uma máxima em poucas palavras.
E) crônica, por tratar de fatos do cotidiano.

10.

À GARRAFA

Contigo adquiro a astúcia
de conter e de conter-me.
Teu estreito gargalo
é uma lição de angústia.

Por translúcida pões
o dentro fora e o fora dentro
para que a forma se cumpra
e o espaço ressoe.

Até que, farta da constante
prisão da forma, saltes
da mão para o chão
e te estilhaces, suicida,

numa explosão
de diamantes.

PAES, J.P. *Prosas seguidas de odes mínimas*.
São Paulo: Cia das Letras, 1992.

A reflexão acerca do fazer poético é um dos mais marcantes atributos da produção literária contemporânea, que, no poema de José Paulo Paes, se expressa por um(a)

- A) reconhecimento, pelo eu lírico, de suas limitações no processo criativo, manifesto na expressão “Por translúcida pões”.
B) subserviência aos princípios do rigor formal e dos cuidados com a precisão metafórica, como se observa em “prisão da forma”.
C) visão progressivamente pessimista, em face da impossibilidade da criação poética, conforme expressa o verso “e te estilhaces, suicida”.
D) processo de contenção, amadurecimento e transformação da palavra, representado pelos versos “numa explosão / de diamantes”.
E) necessidade premente de libertação da prisão representada pela poesia, simbolicamente comparada “à garrafa” e ser “estilhaçada”.

COMENTÁRIOS

1. O poema de Jorge de Lima bem traduz o eterno conflito étnico. A reprodução de um contexto social assinalado pela preservação da memória ancestral faz-se, quando o eu lírico fala das quarta e quinta gerações: a preservação está nesse futuro, embora seja ainda uma possibilidade. Fica evidente que, embora queiram rejeitar o “sangue negro” na raça, jamais isso ocorrerá. O próprio narrador do poema diz que “Eles não apagarão de suas almas, a tua alma, negro!”

Resposta: B

2. A carta conhecida como “Carta de Pero Vaz de Caminha” é um documento no qual o escrivão (Pero Vaz de Caminha) de Pedro Álvares Cabral registrou suas primeiras impressões sobre a terra descoberta. É considerado o primeiro documento escrito da História do Brasil. A carta exemplifica o deslumbramento típico dos europeus em relação ao “Novo Mundo”, revelando o olhar do colonizador sobre a gente da terra. Nesse sentido, é coerente afirmar que tal carta se revela como um documento histórico-político, veiculando impressões sobre essa terra descoberta, mais tarde chamada de Brasil.

Na pintura de Portinari, um dos grandes expoentes do Modernismo, observa-se a interpretação do descobrimento do Brasil através da técnica do “deformismo-expressismo”, muito peculiar à sua pintura. As figuras, no primeiro plano (os índios) da tela, manifestam movimentos que sinalizam para ideia de inquietação diante da frota de Pedro Álvares Cabral, visto que os nativos ficaram assustados com a chegada dos portugueses.

Considerando as informações, a comentário que apresenta coerência em relação aos textos propostos para análise é o indicado na alternativa C.

Resposta: C

3. A concepção sobre a forma como as emoções do indivíduo são julgadas em sociedade, demonstrada pelo eu poético, reflete a necessidade de ser socialmente aceito e leva o indivíduo a agir de forma dissimulada (essência × aparência), que pode ser comprovada, predominantemente, na segunda estrofe. O eu poético, inclusive, chama a atenção para o fato de que o indivíduo inserido, num jogo social, não mostra seus verdadeiros sentimentos e, pior, tenta parecer aos outros venturoso, como se vê na última estrofe, justificando o título do poema: “Mal secreto”.

Resposta: A

4. Entendendo que “os minutos ganhos” são aqueles que Brás Cubas conseguiu com o beijo adúltero de Virgília, que era esposa de Lobo Neves, pode-se afirmar que a metáfora do relógio desconstrói, sim, certos paradigmas românticos, como a idealização da mulher armada ou do beijo casto, pois o relógio representa a materialização do tempo adjetivo, realista e redireciona (dá novo sentido ao) o comportamento idealista, subjetivo, romântico de Brás Cubas, numa visão cínica e irônica da existência, como é próprio da mundividência machadiana. Entenda-se ainda que os instantes perdidos estão para o realismo, pois o tempo passa e não volta mais, ele é objetivo, frio; os minutos ganhos estão para o romantismo, visão dilatada do tempo ganhos estão para o romantismo, visão dilatada do tempo na percepção subjetiva de Brás Cubas sob o efeito do beijo, porém beijo roubado, nada romântico, daí a ironia do Bruxo do Cosme Velho. Comparar a duração do sabor do beijo à perpetuidade do relógio, conforme se afirma em E, é afirmar o Romantismo, por eternizar o instante, não desconstruí-lo como quer o enunciado em questão.

Resposta: D

5. A escola simbolista vigente, no final do século XIX, apresentou escritores que se posicionaram em oposição ao Realismo, ao Naturalismo e, em parte, ao Parnasianismo, objetivando “decifrar” os mistérios da alma e do subconsciente humanos. Daí, percebe-se um escritor produzindo uma arte obscura, cheia de vagarismo, de acentuada subjetividade, em que é bastante explorado, nas palavras, o seu poder de sugestão num exercício de sensibilidade poética. Cruz e Sousa, no soneto apresentado na questão, exibe um lirismo-religioso conflitante, que pode ser comprovado com os seguintes versos: “ó ser humilde entre os humildes seres”, “o mundo para ti foi negro e duro” e “mas eu que sempre te segui os passos sei que cruz infernal prendeu-te os braços...”, levando a crer que se refere a Jesus Cristo. Portanto, Cruz e Sousa (o “cisne negro”), que tanta discriminação sofreu, principalmente, por ser negro, filho de escravos alforriados. No soneto citado, tacitamente, traduz esse sofrimento, comparado com o de Jesus Cristo.

Resposta: A

6. Pode-se dizer que Augusto dos Anjos é um pré-modernista no sentido propriamente dito de “pré” moderno, ou seja, de antecipar características que serão exploradas no Modernismo. A modernidade de Augusto dos Anjos revela-se nesse ato de dessacralização até agora não compreendido: no âmbito de sua poesia dele reverencia o léxico repudiado pela estética do “belo”. O vigor de sua linguagem se nutre dessa necessidade de horroroso, que é talvez propriedade do carbono! “Eu”, publicado em 1912, tem um caráter antecipador do movimento modernista. “Um diálogo com o antecipador do movimento modernista. “Um diálogo com o novo de confluências.”. Sabe-se então que Augusto dos Anjos possui características de todas as escolas literárias da segunda metade do século XIX, e essa mescla de

tendências no mesmo objeto poético o torna, também, um poeta com tendências modernistas, mesmo tendo desaparecido em 1914, e tendo passado despercebido pelos modernos.

Desse modo, pode-se concluir que o autor em questão mantém elementos e formas vinculados à estética do Parnasianismo (a forma do soneto, os versos metrificados e o vocabulário requintado) e do Simbolismo (metáforas e alusivas à morte e visão desencantada da existência), porém redimensionada pela renovação da expressividade poética (uso de vocabulário cientificista) e desarmonia existencial.

Resposta: D

7. Apesar do homem ter vivido todo aquele conflito espiritual do final do século XVI ao século XVII, dividido entre a fé e a razão, entre a espiritualidade e a materialidade, entre o teocentrismo e o antropocentrismo. Bifrontismo esse que caracterizou toda a arte barroca: pintura, escultura, literatura. No Brasil, dois escritores se tornaram mais expressivos: Gregório de Matos (na poesia) e Padre Antônio Vieira (na prosa). No soneto apresentado na questão vê-se Gregório de Matos, além de demonstrar princípios barrocos, que foram comentados, apresenta uma temática expressa por uma crítica velada à forma de governo vigente na Bahia.

Resposta: C

8. O Modernismo, como estilo de época, propôs uma ruptura, em princípio, com o tradicionalismo, buscando, acima de tudo, liberdade de expressão e de criação artística, valorizando a cor local, os falares brasileiros, inclusive, temas extraídos do cotidiano, como se vê no poema *Camelôs*, de Manuel Bandeira, constituído de uma linguagem simples, com versos livres e brancos, mostrando o real valor das brincadeiras de infância, a leveza da alegria das calçadas dessas crianças livres, soltas e felizes. O camelô de brinquedos claro que contribui para a felicidade dessas crianças, vendendo vários brinquedos. Tudo isso comprova a facilidade do poeta Manuel Bandeira de extrair temas do dia a dia e traduzir em poesia, comprovando o que se afirma no enunciado da questão.

Resposta: C

9. Em *Grande Sertão: Veredas*, Guimarães Rosa faz uma recriação da linguagem, recondicionando-a inventivamente, saindo do lugar comum a fim de dar maior grandeza ao discurso. O falar mineiro associado a arcaísmos, brasileirismos e neologismos ultrapassa os limites geográficos de Minas Gerais e ganha uma dimensão poético-filosófica universal, especialmente através dos muitos aforismos criados por este escritor genial. Aforismos são máximas ou sentenças que, em poucas palavras, explicitam regras ou princípios de alcance moral. Os aforismos que Rosa criou para *Grande Sertão: Veredas* são curtos e sucintos, fundamentos de um estilo fragmentário e assistemático na escrita

filosófica, geralmente relacionados a uma reflexão de natureza prática ou moral.

Eis alguns exemplos retirados de *Grande Sertão: Veredas*:

— O correr da vida embrulha tudo.

A vida é assim: esquentada e esfria,
aperta e daí afrouxa,
sossega e depois desinquieta.

O que ela quer da gente é coragem.

— Viver é muito perigoso.

— Deus é paciência.

— Sertão. O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias.

— [...] toda saudade é uma espécie de velhice.

— Jagunço não se escabreia com perda nem derrota – quase tudo para ele é o igual.

— Viver é um descuido prosseguido.

— Sertão é do tamanho do mundo.

— Vingar é lambar frio o que o outro cozinhou quente demais.

— Quem desconfia, fica sábio.

Resposta: D

10. Nos versos “Até que, farta da constante / prisão da forma, saltes / da mão para o chão / e te estilhaces, suicida / numa explosão de diamantes”, sugere-se uma poesia que se liberta, que se transforma, que se metamorfoseia, rebentando de sua prisão (garrafa) e adquirindo novos matizes.

Resposta: E